

1

Estado da Questão do Livro do Apocalipse

A longa história de investigação e pesquisa sobre o Apocalipse canônico revela que, dentre as várias abordagens distintas, múltiplos sistemas de análise e interpretações foram desenvolvidos, apresentando tantos resultados quanto existe de leitores⁸. Talvez a abordagem mais fácil do Apocalipse fosse seguir sua própria tradição particular⁹, como a opinião verdadeira, e ignorar as outras. Contudo, um estudo interpretativo atento precisa se familiarizar com os vários métodos de estudo¹⁰, para que possa criticar e purificar sua própria perspectiva hermenêutica.

Por assim dizer, uma reta compreensão do texto tem em vista o processo mais amplo de comunicação em que se situa o determinado livro bíblico¹¹, isto significa que é preciso levar em consideração determinados fatores que, por estarem intrinsecamente relacionados, convergem na formação do sentido do texto como, por exemplo, a estrutura do texto, sua respectiva história de composição, características e condições do produtor do texto, os gêneros literários empregados em sua relação com o contexto sociocultural, os modos de leituras interpretativas cogitadas a partir de então, etc. A análise destes aspectos contribuem em determinar o horizonte intelectual e competência cultural dos destinatários originais e muito elucidada a mente do leitor hodierno. Entretanto, tais fatores estão invariavelmente sujeitos a diversas dificuldades, especialmente no que tange ao Apocalipse, conforme demonstra sua história. Por esta razão, este capítulo visa proporcionar em primeira instância uma visão de conjunto dos resultados mais relevantes que alguns destes fatores têm recebido ao longo da pesquisa do livro.

⁸ RYRIE, C. C. *Revelation*. Chicago: Moody Press, 1968, pp. 8-9; KISTEMAKER, S. *Apocalipse*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, pp. 60-73; STERN, D. H. *Comentário judaico do Novo Testamento*. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Editora Atos, 2008, p. 857; LOCKYER, H. *Apocalipse: o drama dos séculos*. São Paulo: 1988, p. 14. HORTON, S. *A vitória final: uma investigação exegética do Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, pp. 13-15.

⁹ ELLUL, J. *Apocalipse: arquitetura em movimento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, p. 10.

¹⁰ FIORENZA, E. Juízo e salvação. In: SHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Formas e Exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica e Paulus, 2004, p. 411.

¹¹ EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, pp. 29-41.

1.1

Estrutura

Existem várias propostas para estabelecer uma estrutura definitiva para o Apocalipse. A razão óbvia para isso é que, sob perspectiva hermenêutica, o texto é entendido como um complexo de elementos e relações, por isso, sua estrutura é o lugar privilegiado da busca de sentido¹², da qual depende o conteúdo do texto para produzir o efeito desejável de seu propósito e mensagem. Contudo, é justamente no ponto da estrutura que reside um dos principais problemas literários do livro¹³. Mesmo os estudos estruturalistas ou semióticos, que têm alcançado bons resultados em outros setores bíblicos, não têm dado um resultado decisivo ou satisfatório em particular ao estudo da estrutura do Apocalipse¹⁴.

Devido o vasto e largo uso de alusões e imagens veterotestamentárias existentes no Apocalipse, já foi até mesmo cogitado que o plano de estruturação deste poderia estar baseado no panorama do livro de Ezequiel¹⁵, isto parece plausível, mas este esquema não deve ser entendido como a explicação que atende plenamente as dificuldades estruturais do Apocalipse, visto que este último apresenta incrementos, rupturas, digressões e elaborações próprias em sua constituição.

A solução, segundo Hugo Vanni¹⁶, talvez esteja na observação das formas literárias que constam no livro e na tentativa de perceber como o autor trabalha estas formas, na relação de umas com as outras. Isto porque a estrutura geral de um livro depende da maneira que este trabalha com as diversas formas

¹²EGGER, *Metodologia do Novo Testamento*, p. 29.

¹³VANNI, U. *L'Apocalypse johannique: Eta de la question*. Paris: Brouer, 1962, p. 26.

¹⁴LEITE, J. Ap 22,12-“ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μισθός μου μετ’ ἐμοῦ ἀποδοῦναι ἕκαστῳ τὸ ἔργον ἐστίν.” A cristologia e a tradição escatológica cristã no âmbito do Apocalipse de João. 2003. 121 f. Dissertação (Mestrado em Teologia)-Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003, p. 21.

¹⁵Glasson estabelece uma interessante relação dos blocos do livro de Ezequiel com os do Apocalipse, os quais seguem a mesma ordem: 1) Ezequiel no exílio tem a visão de Deus (cap. 1), João no exílio tem a visão do Cristo (cap. 1); 2) segue-se a mensagem de Ezequiel para o povo judeu (2-24), João em seguida fornece a mensagem do Cristo às sete igrejas (2-3); 3) Ocorre o julgamento das nações(25-32), e no Apocalipse segue o juízo sobre o mundo (4-19); 4) O reino messiânico (33-37) e o reino milenar (20.1-6); 5) O ataque de Gog e Magog em Ez (38-39) e no Ap (20.7-10); 6) Ezequiel conclui com a visão da paz e glória eterna (40-48) do mesmo modo que João (21-22). Importante ressaltar que Glasson não entra no mérito se o autor detinha de antemão este panorama “ezequiano” para produzir o texto, ou se o mesmo foi apropriado posteriormente para atividade redacional das várias partes do livro. GLASSON, T. F. *The revelation of John*. London: Cambridge University Press, 1965, pp. 12-13.

¹⁶VANNI, *L'Apocalypse johannique*, p. 26.

encontradas. Assim, os detalhes de “cada micro-estrutura de um texto formam a macro-estrutura”¹⁷. Contudo, a partir da feliz advertência dada por Mounce e Corsini, de “que a completa falta de consenso sobre a estrutura do Apocalipse deve acautelar o leitor para que este não assuma qualquer aproximação neste sentido como definitiva”¹⁸, vejamos agora as principais teorias que tem se destacado neste campo a respeito do Apocalipse: a estrutura bipartida, tripartida, quaternária, de quiasmo concêntrico e septenária.

A estrutura bipartida se divide em duas propostas. A primeira¹⁹ compreende o livro em duas partes, que vai do capítulo 4 ao 11 e do capítulo 12 ao 22. Assim, de acordo com a perspectiva do proponente, a primeira parte tem uma dimensão cósmica, enquanto a segunda uma dimensão histórica. A segunda proposta²⁰ divide o livro nas seguintes partes: do capítulo 1 ao 3, como uma introdução geral e o desenvolvimento orgânico do septenário de cartas às igrejas; A segunda parte, do capítulo 4 ao 22 como a estrutura mais complexa e desigual dividida em cinco seções.

O ponto de partida da primeira proposta procura estabelecer uma correlação com os apocalipses de 4 Esdras e 2 Baruc. No entanto, uma análise²¹ destes livros revela diversas falhas: primeiro, a correspondência parece ser mais temática do que estrutural e, em segundo lugar, há uma artificialidade ao combinar a proposição de uma estrutura bipartida com uma apresentação septenária do conjunto do livro. Por fim, deixa a desejar mais ainda pelo fato de dar conta somente do quadro apocalíptico propriamente dito do capítulo 4 ao 22, deixando de lado os elementos epistolares e o septenário de cartas endereçadas às sete comunidades da Ásia Menor. A segunda proposta de bipartição demonstra-se mais completa e, apesar de revisar a primeira e também criticar a estrutura concêntrica (que será apresentada mais adiante), confere ao texto um desenvolvimento linear, mas não unívoco, pois identifica que muitos elementos

¹⁷ VANNI, *L'Apocalypse johannique*, p. 26.

¹⁸ MOUNCE, R. H. *The book of Revelation*. Michigan: B. Eerdmans, 1977, p. 46; CORSINI, *O Apocalipse de São João*, p.23.

¹⁹ Defendida por Muñoz Leon, partindo das proposições de M. Hopkins e A. Feuillet. Cf. MUÑOZ LEON apud LEITE, J. Ap 22,12 - “Ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μισθός μου μετ’ ἐμοῦ ἀποδοῦναι ἕκαστῷ τὸ ἔργον ἐστίν.”, p. 21.

²⁰ Defendida por Hugo Vanni em algo que se deduz ser uma proposta de macro-estrutura. Cf. VANNI, H. *Apocalipse*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, pp. 10-12.

²¹ CHARLESWORTH, J. H. *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature and Testament*. New York: The Anchor Bible, 1983, pp. 525-559; PROENÇA, E. (Ed.). *Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004, pp. 775-812.

giram livremente, deslocando-se para frente e para trás com relação ao eixo principal de desenvolvimento. Assim a recapitulação ocorre mantendo o movimento de progressão presente. Enfim, subtrai completamente um esquema histórico-crônico e tende a colocá-lo no lugar ideal de meta-história²².

Em relação à estrutura tripartida existem três principais teorias. A primeira²³ apresenta uma característica dinâmica do Apocalipse e o caráter de recapitulação do desenvolvimento dos três septenários²⁴. Este parecer foi posteriormente confirmado, contudo de modo diferente, melhor ressaltando a dinâmica dos três septenários, e notadamente demonstrando como eles conduzem ao fim²⁵. A segunda proposta de tripartição não tem nenhuma relação com a primeira, mas tem atualmente muita popularidade entre os círculos pré-tribulacionistas²⁶. Esta explica a divisão do Apocalipse através do que está em 1,19²⁷, como “as coisas que viste”, “as coisas que são” e “as coisas que depois destas devem acontecer”²⁸. Esta opinião procura correlacionar as cenas e símbolos do livro com os eventos futuros, querendo fornecer um suposto cronograma

²² VANNI, U. *La struttura letteraria dell'Apocalisse*. Roma: Aloisiana, 1971, p. 109.

²³ Esta proposta nasceu de um período de estudos monográficos sobre estruturação entre 1980 a 1992. LAMBRECHT, J. et al. *L'Apocalypse johannique dans le Nouveau Testament*. Leuven: University Press, 1980, pp. 77-104.

²⁴ O septenário dos selos (Ap 4-7) exibe uma série de abertura que chama o segundo septenário das trombetas (8,1-11,14), e então é envolvido pelo terceiro septenário das taças (11,15-22,5).

²⁵ GOURGUES apud LEITE, J. Ap 22,12 - “Ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μισθός μου μετ’ ἐμοῦ ἀποδοῦναι ἕκαστῳ τὸ ἔργον ἐστίν.”, pp. 20-21.

²⁶ A partir de 1828 John Nelson Darby começou a desenvolver um sistema de interpretação abrangente da Bíblia chamado “dispensacionalismo”. Este sistema ganhou força após a guerra civil americana e das lutas que se originaram da industrialização do pós-guerra, o que inspirou os muitos americanos num ideal de não ter que passar por estas experiências nacionais violentas. Scofield reforçou esta linha de pensamento com a *Scofield Reference Bible*, principal recurso do pré-milenismo, publicado em 1909. O pré-tribulacionismo é uma das vertentes do pré-milenismo que prevê a segunda vinda de Cristo para arrebatá-la, isto é, para retirar a igreja da terra antes do período de grande tribulação mundial – cf. HORTON, S. *Nosso destino: O ensino bíblico das últimas coisas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. Este esquema enquadra-se no pré-milenarismo cultivado pelos dispensacionalistas norte-americanos. BOYER, P. *When time shall be no more: prophecy belief in modern american culture*. Cambridge: Mass; London: Harvard University Press, 1997, pp. 98-99. WEBER, T. P. *Living in the shadow of the second coming: American pré-millennialism 1875-1982*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983, p. 16-24; ALFARO, J. I. *O Apocalipse: em perguntas e respostas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 23; LIMA, M. de L. C. *Fundamentalismo: Escritura e Teologia entre fé e razão*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 33, pp. 334-335.

²⁷ O significado das três partes seriam “as coisas que viste” como a visão do Cristo glorificado entre os sete castiçais que se refere ao passado, “as coisas que são” constituem-se na mensagem para as sete igrejas da Ásia para as igrejas do presente e, por fim, “as coisas que depois destas devem acontecer” o quadro apocalíptico do capítulo 4 ao 22 que terão ocasião de acontecerem depois que a igreja for “retirada da terra” – BAWER, B. *Stealing Jesus: how fundamentalism betrays christianity*. New York: Crown Publishers, 1997, pp. 12-20.

²⁸ HORTON, S. *A vitória final: uma investigação exegética do Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 30; STROZIER, C. B. *Apocalypse: On the psychology of fundamentalism in American*. Boston: Beacon, 1994, pp. 5-9.

histórico preciso dos fatos vindouros partindo do pressuposto de que uma leitura ao pé da letra seria o caminho eficaz para comprovar a inerrância das Escrituras²⁹. Contudo, dentro destas escolas de pensamento existem linhas que reconhecem a progressão da narrativa, na qual ocorre uma série de intervalos que promovem uma recapitulação de passagens anteriores. Por fim, esta estruturação tripartida dentro de uma abordagem fundamentalista, e sua conseqüente interpretação, ainda é alvo de muita polêmica nos próprios círculos pré-milenistas que não gozam de unanimidade de pensamento entre si e nem de resultados sobre os fatos interpretados.

A terceira proposta de estrutura tripartida³⁰ tem semelhança com a segunda apenas no que se refere à divisão e não ao conceito. Propõe uma leitura distante da abordagem fundamentalista, dando ênfase a uma conotação temática e chave sócio-política e não literal de acontecimentos. Esta proposta mostra com muita precisão que o autor do Apocalipse pratica regularmente um procedimento de inclusão, em virtude do qual o fim de uma série desemboca em outra série, cujo conteúdo é assim englobado na série precedente. Por meio destes “encaixes”, o autor faz com que o livro avance para seu objetivo final: o anúncio da vinda do domínio universal de Deus, de seu julgamento e do mundo novo, contudo, sem com isto “vazar a sua profecia no molde de predições cronologicamente ordenadas e datáveis”³¹.

A estruturação quaternária propõe uma subdivisão em grandes seções iniciadas pela expressão *ἐν πνεύματι* (1,10; 4,2; 17,3; 21,10)³². O esquema básico

²⁹ LIMA, Fundamentalismo, pp. 333-334; DREHER, M. N. *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, pp. 80-82.

³⁰ Proposta por C. Mesters e F. Orofino. A divisão ocorre deste modo: 1,4-20 – a porta; 2,1- 3,22 – a situação; capítulos 4,1 a 22,5- as visões apocalípticas; formando um conjunto emoldurado pelos elementos epistolares: prólogo (1,1-3) e o epílogo (22,6-21). Portanto, configura mais uma divisão em cinco partes do que em três, parecida com a proposta de Leonardo Agostini Fernandes, mantendo ligeiras modificações: 1,1-8 – prólogo com saudação e destinação; 1,9-3,22 – as cartas às igrejas; 4,1-22,5 – uma série de visões proféticas; 22,6-16 – conclusão da revelação; 22,17-21 – epílogo. cf. MESTERS, C.; OROFINO, F. *Apocalipse de São João*. A teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 87-91; FERNANDES, L. A. *A Bíblia e a sua mensagem*: introdução à leitura e ao estudo da Bíblia. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2010, p. 164.

³¹ Conforme observado por Pierre Prigent a respeito da proposta de Hugo Vanni, que identifica a recorrência dos procedimentos de inclusão e “encaixe” realizados pelo autor do Apocalipse. Isto também é observado por Bernard McGinn em seu comentário sobre o livro. PRIGENT, P. *O Apocalipse*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 432; MCGINN, Apocalipse (ou Revelação), p. 565.

³² Os quatro quadros seriam: 1) A visão do Cristo glorificado 1,10; 2) A visão do Trono 4,2; 3) A visão da grande Meretriz 17,3; 4) A visão da Esposa do Cordeiro 21,10 - FIORENZA, E. Juízo e salvação. In: SHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Formas e exigências do Novo Testamento*.

desta proposta coloca como central a visão do Cristo e do trono no início dos dois grandes quadros do livro (o quadro das igrejas e o quadro do julgamento do mundo corrompido) e nos dois quadros seguintes apresenta um contraste entre a meretriz e a esposa do Cordeiro, isto é, entre a sociedade imoral e corrupta e a esperada sociedade celestial glorificada por Deus. Apesar da contribuição em perceber nos grandes quadros as linhas macros de comparação, esta proposta se posta apenas num nível macro e não considera as demais dificuldades de estruturação interna que precisam ser identificadas e melhor justificadas.

A teoria de estrutura como um quiasmo concêntrico propõe que a chave do desenvolvimento da obra está no centro do livro, colocando ênfase nos temas sobre o “testemunho” e o “confronto decisivo” entre a comunidade do povo de Deus e o poder bestial governamental humano. A teoria concêntrica se divide em duas opiniões³³. A primeira inclui as imagens dos capítulos 10 e 11 junto com as cenas dos capítulos 12 ao 15 no centro do quiasmo. Já a segunda opinião coloca as imagens do capítulo 11 (as duas testemunhas) como elemento que se contrapõe aos que aparecem no capítulo 13 (as duas bestas), e apenas o capítulo 12 (confronto entre a Mulher e o Dragão) no eixo do quiasmo. A primeira opinião foi criticada por não explicar o movimento de progressão do livro³⁴. A segunda encontrou uma solução ao combinar a temática que está no coração do livro dentro de uma estrutura septenária atenta para o avanço que progride até o final do livro, cujo apogeu é deslumbrado pela visão de “novos céus e a nova terra”³⁵, ou seja, o resultado do confronto (cap. 12) é o triunfo eterno e definitivo do povo de Deus (cap. 21 e 22).

Dentre todas as propostas a que mais tem se destacado ultimamente é a teoria de uma estruturação septenária³⁶. A justificativa é simples: o livro insiste fortemente nas estruturas numéricas, hegemonicamente em torno do número sete.

São Paulo: Paulus; Teológica, 2004, p. 421; LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodus, 1997, p. 573.

³³Sobre a primeira opinião temos E. S. Fioreza parecida com a sugestão de W. N. Lund, cf. FIORENZA E. S. *The Eschatology and Composition of The Apocalypse*, em CBQ 30, 1968, pp. 537-569; VANNI, *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 56. Como proponente da segunda temos I. Mazzarolo e A. Collins, cf. MAZZAROLO, I. *O Apocalipse: esoterismo, profecia ou resistência?* Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2000, pp. 24 e 66; COLLINS, A. Y. *The Combat Myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipit an Stock Publishers, 2001, pp. 5-55.

³⁴ VANNI, *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 109; VANNI, *Apocalipse*, pp. 10-12.

³⁵ MAZZAROLO, *O Apocalipse*, p. 101.

³⁶ VANNI, *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 35; p. xciii; AUNE, D. E. *Revelation 1-5*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997, p. lxx

A seqüência de sete determina o curso do livro³⁷, assim é visto no livro sete grupos³⁸, tendo cada grupo uma composição de sete elementos.

Nas Escrituras o número sete significa³⁹ plenitude, totalidade, completude. No Apocalipse o “sete” aparece de modo explícito 56 vezes, mas o uso implícito também é notável: o número de atributos a Deus (5,12; 7,12), a quantidade de características dos gafanhotos (9,7-10), as sete visões não numeradas (12,1-15,4), as sete vozes celestes (16,17-19,5), as sete visões finais (19,6-22,5), as sete bem-aventuranças⁴⁰, etc. Estas últimas comportam um exemplo importante que não pode passar despercebido, visto que estas no Apocalipse costumam um dos *fiões condutores* do desígnio do livro, que perpassa interligando os blocos da estrutura.

Neste ponto, a título de exemplo, temos uma brilhante observação de Pierre Prigent: a terceira bem-aventurança (16,15) parece romper o nexológico seqüencial da exposição. Se este versículo for suprimido, os versículos 14 e 16 se encaixam perfeitamente, apesar das características da linguagem e de vocábulo aconselhar ver no versículo 15 a própria mão do autor, este foi acrescentado posteriormente ao texto base. Assim, um dos septenários responsáveis pela unidade-integração da obra, o macarismo, foi rearranjado redacionalmente, num momento posterior, quando “o autor voltou ao seu livro para efetuar retoques e detalhes”⁴¹. Este ponto previne quanto ao cuidado de concluir que o livro foi todo ele pensado de antemão em ser escrito em termos de sete, isso pode ter acontecido com uma parte e outra, mas com isso temos o precedente de que o esquema septenário pode ter sido apropriado depois, na atividade redacional (editorial) do livro, formatando um corpo estrutural tal como chegou ao que temos hoje.

A partir destas considerações, e com uma base na visão de conjunto, segue uma proposta de arquitetura estrutural do Apocalipse para o atual estudo (Tab. 1).

³⁷ MCGINN, Apocalipse (ou Revelação), p. 565-566; MAZZAROLO, *O Apocalipse*, p. 20; KISTEMAKER, *Apocalipse*, p. 14; VANNI, *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. 120; PRIGENT, *O Apocalipse*, pp. 432-433.

³⁸ São poucas as diferenças entre os que propugnam esta teoria. Em geral os sete grupos são: 1º) Sete cartas; 2º) Sete selos; 3º) Sete trombetas; 4º) Sete “sinais”; 5º) Sete taças; 6º) Sete vozes; 7º) Sete visões finais. MAZZAROLO, *O Apocalipse*, p. 20; MCGINN, Apocalipse (ou Revelação), p. 566. Há ainda uma teoria muito divergente destas e pouco explorada sobre as 7 divisões do livro em que a convenção literária “μετὰ ταῦτα” (e variações) assume certa proeminência. KORNER, R. “And I Saw...” Na Apocalyptic Literary Convention for Structural Identification in the Apocalypse. *Journal of Biblical Literature*. The Society of Biblical Literature, Vol. 42, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1561330>>. Acesso em 03 setembro 2010, p. 174.

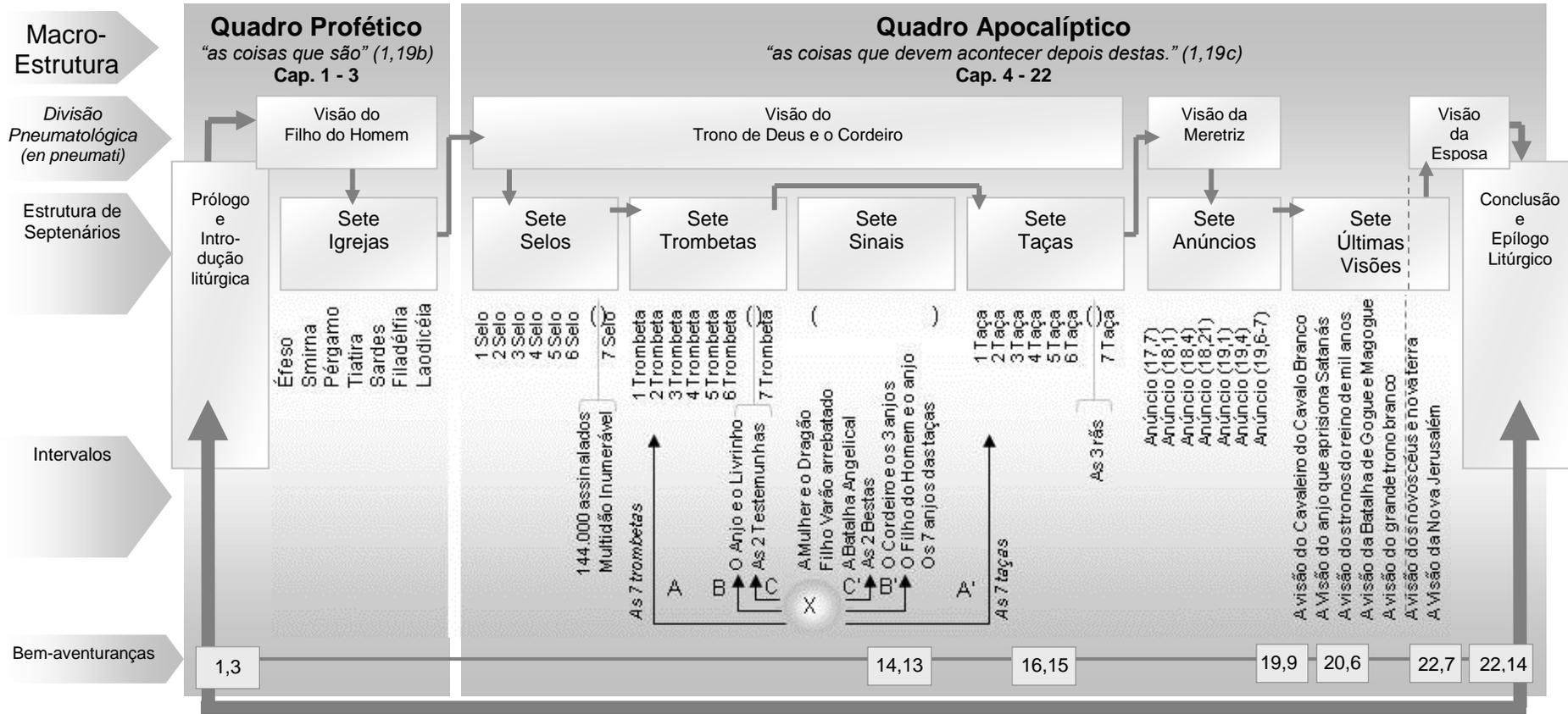
³⁹ MCKENZIE, J. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 873.

⁴⁰ Ap 1,3; 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7; 22,14.

⁴¹ PRIGENT, *O Apocalipse*. p. 439.

PROPOSTA DE ARQUITETURA ESTRUTURAL DO APOCALIPSE

“Escreve, pois, as coisas que viste” (1,19a)



Moldura epistolar litúrgica (prólogo e introdução: 1,1-8 e conclusão e epílogo: 22,6-20)

Tab. 1 – Uma proposta de arquitetura estrutural do Apocalipse.

Nesta proposta conciliadora apresentamos quatro níveis de divisão. O Apocalipse inteiro constitui a visão completa do vidente de Patmos: “o que vês, escreve num livro e envia às sete igrejas...” (1,11), portanto, configura as “as coisas que vistes” de 1,19, sendo que as “coisas que são” e as “coisas que devem acontecer depois destas” formam o primeiro nível da macro-estrutura da obra, isto é, a composição dos dois grandes quadros: um profético (cap. 1 – 3) e outro apocalíptico (cap. 4 – 22), isso não quer dizer que não há elementos proféticos no segundo quadro e vice-versa. O segundo nível detém uma *perspectiva pneumatológica*, introduzida pela fórmula “ἐν πνεύματι”. O primeiro quadro registra uma primeira ocorrência desta fórmula (1,10) e o segundo quadro registra três (4,2; 17,3; 21,10), destas três a primeira é a mais importante e da qual as outras duas dependem. Deste modo, o primeiro e o segundo quadro são introduzidos por dois cenários determinantes, um concernente ao ὅμοιον υἱὸν ἀνθρώπου “*um semelhante filho de homem*”, que predomina exclusivamente no primeiro quadro, e o outro relacionado ao *trono de Deus e ao ἀρνίον*. O terceiro nível demonstra a subdivisão septenária do livro em sete grupos de sete elementos. Apenas o primeiro grupo (as sete igrejas) pertence ao primeiro quadro e tem conexão direta com o último grupo (sete visões), pois todas as promessas feitas pelo “*um semelhante filho de homem*” aos vencedores no quadro das igrejas são concretizadas no último grupo de visões. O quadro predominantemente apocalíptico abarca os demais septenários. Estes grupos não adotam um formato padronizado entre si. Contudo, há uma relação progressiva evidente entre o grupo das trombetas com o das taças. As trombetas atingem terça parte dos elementos da natureza, enquanto as taças os atingem completamente. O sétimo selo introduz as sete trombetas (8,1-2) e a sétima trombeta acopla as sete taças (11,15.18→15,1). O quarto e último nível apresentam intervalos explicativos entre o 6º e o 7º elemento dos *selos, trombetas e taças*, mas o intervalo mais importante, significativo e eixo através do qual se desenvolve a progressão do livro é o grupo dos “*sinais*” que sobe ao terceiro nível da divisão e que se encontra exatamente no centro dos sete grupos de septenários. Todo este conjunto é emoldurado pelos blocos epistolares litúrgicos (o prólogo-introdução 1,1-8 e o conclusão-epílogo 22,6,21).

Apesar desta proposta de estrutura merecer uma explicação pormenorizada sobre as razões das conexões, paralelos, e alteração de formas e subestruturas, nos

deteremos apenas nos aspectos relevantes que tem relação direta com alguns pontos específicos deste estudo.

Por fim, percebe-se que muito da compreensão da estrutura de um livro depende intrinsecamente de sua história de composição, esta reconstrução é útil não só porque permite remontar à origem do texto, mas também enquanto responde aos problemas levantados pela leitura, podendo esclarecer como o livro obteve seu formato último, elucidando assim as respectivas micro-estruturas, passíveis de reorganização e re-elaborações, visando à interpretação do texto em sua macro-estrutura⁴². Neste sentido, sigamos adiante no acompanhamento dos principais resultados em relação à história da formação do Apocalipse.

1.2

Composição

Em sua respectiva vista panorâmica, num primeiro instante, a obra do profeta de Patmos se apresentará confusa para o leitor desavisado, aparentando desordenações e estratificações, que causam sensações de antecipação, retrocesso, pulsação cíclica, repetição, rupturas, suspensão e intercalações que, embora causem a sensação de se tratar de uma colcha de retalhos sem unidade interna em si, é justamente o contrário que se verifica numa leitura atenta. Do começo ao fim, uma forte unidade percorre o Apocalipse joanino, mesmo diante dos fenômenos redacionais citados, ocorre similaridade de estilo, e o livro se mostra interrelacionado, não só pelos argumentos, como também por idéias idênticas, que surgem no contexto das diferentes partes. Essas similitudes estão especialmente combinadas. As mesmas imagens formam o pano de fundo do conjunto e se reapresentam constantemente: a imagem do trono, a operação do Filho do Homem, a figura do Cordeiro, as sete bem-aventuranças, o contexto da perseguição, as alusões ao Êxodo, do julgamento e a temática da *vinda* que perpassa toda a obra em uma densidade cristológica. As alusões ao Antigo Testamento são do mesmo modo em todo o livro. Portanto, a unidade do texto é

⁴² EGGER, *Metodologia do Novo Testamento*, p. 160.

garantida pelo caráter unitário e orgânico do desígnio do livro⁴³. Mediante isso é possível “cada vez mais reconhecer que o Apocalipse traz em si uma coesão no conjunto e que seu autor é um mestre admirável na arte de compor”⁴⁴.

Apesar destas considerações é reconhecido entre a maioria dos especialistas que o livro não foi escrito de uma só vez⁴⁵. Sendo assim, existem três teorias principais sobre como foi escrito o Apocalipse, as quais são: as teorias de compilação, de fragmentação e de revisão.

A teoria de compilação⁴⁶ pressupõe que o redator juntou documentos extensos de épocas diferentes. A razão principal desta afirmação é que encontramos muitas repetições no Apocalipse (várias descrições da besta; duas “introduções”; duas imagens do *Filho do Homem*; duas descrições da queda da Babilônia; três referências à queda de Satanás; dois relatos da cidade celestial; dois “epílogos”, etc.). Por esta razão, há quem identifique no Apocalipse fontes literárias mais antigas que começou a surgir durante a perseguição de Nero (64-68 d.C.) e foi concluída no tempo de Domiciano (95-96 d.C.). Especificamente, a parte apocalíptica propriamente dita (cap. 4-22) parece ter sido composta a partir de dois documentos principais, escritos pelo mesmo autor em datas diferentes, e depois unidas em um só texto pelo redator com direito a suplementos⁴⁷. Não se pode dizer que estas propostas sejam aceitas com muita convicção; isto porque, de qualquer forma, a redação final da obra demonstra uma forte unidade que conseguiu integrar as possíveis etapas anteriores.

A segunda teoria de composição, a proposta de fragmentação, explica que o livro é formado por muitos fragmentos de composição de origens diversas⁴⁸. Este fenômeno é esclarecido pelo fato de que, diferentemente de hoje, naquela época a cultura era oral, e não escrita. Às vezes, os discípulos de uma determinada

⁴³ MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, pp. 71-81. VALDEZ, A. *O livro do Apocalipse*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 29; CORSINI, *O Apocalipse de São João*, pp. 23-24.

⁴⁴ LEITE, J. Ap 22,12 - “Ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μιστός μου μετ’ ἐμοῦ ἀποδοῦναι ἕκαστῳ τὸ ἔργον ἐστίν.”, p. 20.

⁴⁵ MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, p. 71; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 29; KISTEMAKER, S. *Apocalipse*, p. 75; PRIGENT, *O Apocalipse*. pp. 439-440; ELLUL, *Apocalipse: arquitetura em movimento*, pp. 13-17;

⁴⁶ Defendida por M. E. Boismard, cf. BOISMARD, M. E. “L’Apocalypse” ou “les Apocalypses” de St. Jean. Paris: Reuee Biblique, 1949, pp. 507-541; VANNI, *La struttura letteraria dell’Apocalisse*, pp. 69-83; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, pp. 19 e 30.

⁴⁷ Conforme a teoria de Boismard. VANNI, *La struttura letteraria dell’Apocalisse*, p. 68; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 30.

⁴⁸ Defendida por Carlos Mesters, Francisco Orofino, Bousset, etc. Cf. MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, p. 72-73; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 31.

escola ou comunidade⁴⁹, escutando a fala do mestre, tomavam nota por escrito do ensinamento oral e faziam circular as anotações pessoais da transmissão oral a respeito da vida e do ensinamento de Jesus. Este processo, segundo esta teoria, produziu o ambiente que fez surgir o Apocalipse de João. Deste modo, inicialmente, ainda não seria uma obra completa, mas, sim, várias recensões que circulavam nas comunidades em apoio à transmissão oral da Boa-Nova com finalidade litúrgica⁵⁰. Estes escritos, na proporção que eram transmitidos, recebiam inserções e alterações de acordo com as circunstâncias e os problemas das comunidades. Até que alguém reuniu tudo num único escrito e o editou na forma do livro que atualmente conhecemos por volta do ano 95⁵¹. A história da formação do livro, segundo esta teoria, propugna que as partes mais antigas que formam os capítulos 4 ao 11, foram reunidas durante a perseguição de Nero (64 d.C.), mais partes foram escritas mais ou menos na época da destruição de Jerusalém (70 d.C.), bem como a descrição da visão de Jesus ressuscitado, a cartilha das duas cidades, o folheto das sete cartas. Já as partes dos capítulos 12 ao 22 entre os anos 69-95 d.C, pois são partes que possuem alusões bastantes claras aos eventos dos reinados de Vespasiano, Tito e Domiciano⁵².

A terceira teoria, a da revisão, assevera que o autor escreveu todo o texto, mas depois fez uma revisão geral. Esta possibilidade pode ser mantida pelo fato de ser encontrada na obra unidade de estilo e de dicção, apesar do mesmo não optar por um único padrão de formatos. Para esta proposta existem duas opiniões, a primeira⁵³ mantinha a hipótese segundo a qual um autor cristão teria retomado e “cristianizado” um documento judaico⁵⁴, apesar desta concepção hoje estar geralmente abandonada. A segunda opinião⁵⁵ não parte desta mesma premissa, pois já a primeira edição do livro teria nascido dentro da tradição cristã. No entanto, ambas as opiniões não descartam a hipótese do uso de várias fontes pelo autor sagrado⁵⁶. A obra tem como fonte principal os textos do Antigo Testamento

⁴⁹ ALFARO, *O Apocalipse*, p. 16.

⁵⁰ ROUSSEAU, F. *L'Apocalypse et le milieu prophétique du Nouveau Testament*. Structure et préhistoire du texte. Paris-Tournai-Montréal: Recherches, 1971, pp. 177-218.

⁵¹ MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, pp. 71-81;

⁵² ALFARO, *O Apocalipse*, p. 16.

⁵³ Defendida por R. H. Charles. Cf. CHARLES, R. H. *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*. Dois volumes. Edinborough: T. & T. Clarke Ltd., 1985, p. lxxxvii-xci.

⁵⁴ CUVILLIER, É. O Apocalipse de João. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). *Novo Testamento: História, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 497.

⁵⁵ Propugnada por Pierre Prigent. Cf. PRIGENT, *O Apocalipse*, pp. 438-441.

⁵⁶ CHARLES, *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John.*, p. lxii-lxxxvi.

sob releitura cristã, mas também faz alusões aos textos da literatura judaica intertestamentária, como os apocalipses judaicos e pseudo-epígrafos, como também se serve de passagens neotestamentárias.

Salvaguarda-se aqui que é impossível determinar com precisão as tradições utilizadas ou o teor exato de uma hipotética versão anterior da obra. Contudo, esta diversidade de materiais e uso de fontes não impedem que se encontre um claro núcleo comum, raiz de todo o Novo Testamento: “Jesus, a raiz e a geração de David” (22,16)⁵⁷. Ambas as opiniões acerca desta última teoria são favoráveis de que o livro foi escrito no período de 64-96 d.C.

Por fim, o movimento científico histórico-crítico, predominantemente de influência alemã, que atacou as opiniões tradicionais acerca da autoria, também questionou a unidade do livro, alegando que ele era composto por uma diversidade de fontes, ou então uma mistura de redações diferentes. Recentemente a negação da unidade do livro foi abalada, mesmo depois de prevalecer por muito tempo entre os críticos desde o final do século XIX, a ponto de a maioria dos especialistas sustentar que o Apocalipse é, de fato, o trabalho de um autor, quaisquer que sejam as fontes, ou os fragmentos de tradições e/ou materiais anteriores que possa ter incorporado. Desse modo, tanto especialistas quanto críticos que acreditam que a passagem do tempo e a intenção do autor afetam o significado de uma obra agora admitem a integridade literária do texto⁵⁸. Assim, esta conclusão remete para outro fator que precisa ser considerado que é a questão da autoria como veremos a seguir.

1.3

Autoria

Ainda hoje muitos estudiosos são a favor de João o apóstolo, conforme o testemunho da maioria dos santos padres do período patrístico⁵⁹, ao contrário do

⁵⁷ TUÑÍ, J. O. *A escola joanina: Evangelho, Cartas e Apocalipse*. In: O'CALLAGHAN, J. A formação do Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2000, pp. 66-67.

⁵⁸ MCGINN, B. *Apocalipse (ou Revelação)*, p. 565.

⁵⁹ Na patrística muitos afirmaram que o “João” do Apocalipse era o próprio apóstolo filho de Zebedeu, como Justino Mártir (135 d.C.), o Cânon Muratoriano (175 d.C.), Irineu de Lião (180 d.C.), Clemente de Alexandria (215 d.C.) e Tertuliano (220 d.C.). No final do séc. II d.C. Gaio, sacerdote romano, afirmou que a obra era de um herege chamado Cerinto. Tanto Dionísio de

que acontecia há pouco tempo atrás. O debate prossegue, quanto ao contexto social e à autoridade eclesial de João de Patmos⁶⁰, mas há quem o considera como um profeta cristão itinerante da Ásia Menor⁶¹ ou um discípulo investido de autoridade por relacionar-se idealmente com João, o apóstolo, com o qual “se sente possuir muitos pontos de contato em comum”⁶². Neste sentido é espontâneo pensar no apóstolo João como ponto de referência e de inspiração de toda a “escola joanina”⁶³. Em pesquisa recente, M.-E. Boismard⁶⁴ conclui que João, filho de Zebedeu e apóstolo, morreu martirizado entre os anos 43-44 d.C., juntamente com Tiago Maior, cuja celebração martiriológica ocorria no dia 27 de dezembro conforme consta nos calendários litúrgicos ocidentais. Esta tese dificulta mais ainda o trabalho de atribuição dos escritos joaninos, especialmente o Apocalipse canônico, a João, filho de Zebedeu.

Todavia, o mais significativo é que o problema nominal da autoria parece hoje ter perdido importância. Talvez tenha se tornada cansativa toda esta interminável discussão em base de dados tão incertos e fugidios, e tem-se compreendido que isso, afinal de contas, “não tem um valor decisivo e em quase nada contribui para a compreensão do livro”⁶⁵. Tendo em vista que tanto a estrutura quanto a história de composição do livro demonstram a existência de uma unidade literária e é o trabalho de um único autor ou redator, o imprescindível seria, desde então, identificar as características e condições da mão que produziu o texto em seu formato atual, a fim de se ampliar a compreensão do modo como estas características e condições influenciaram a formação do sentido da obra como um todo. Fica claro que o produtor do texto do Apocalipse, sem dúvida alguma, era um judeu-cristão⁶⁶ que conhecia e dominava o Antigo

Alexandria (231-264 d.C.) quanto Eusébio de Cesaréia (325 d.C.) concordam que o autor do Quarto Evangelho não é o mesmo do Apocalipse.⁵⁹ Eusébio em sua obra fez uma citação de Papias⁵⁹ sobre um presbítero chamado João. Com base nisto, alguns autores cogitam a possibilidade de o “João” do Apocalipse ser um presbítero de Éfeso. No final do séc. IV, a influência de Agostinho (354-430d.C.) pôs término na questão, e a autoria apostólica se firmou. Ela somente veio a ser contestada novamente por Erasmo de Roterdã (1467-1536), Lutero (1483-1546) e, bem mais tarde, por Johann Salomo Semler (séc. XVIII). KISTEMAKER, *Apocalipse*, pp. 33-34; MAZZAROLO, *O Apocalipse*, p. 27; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 28.

⁶⁰ FERNANDES, *A Bíblia e a sua mensagem*, p. 163.

⁶¹ MCGINN, *Apocalipse (ou Revelação)*, p. 564; CUVILLIER. *O Apocalipse de João*, p. 501.

⁶² VANNI, *Apocalipse*, pp. 15-16.

⁶³ ALFARO, *O Apocalipse*, p. 16.

⁶⁴ MAZZAROLO, *O Apocalipse*, p. 28; CHARLES, *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*, p. xlvi-l.

⁶⁵ CORSINI, *O Apocalipse de São João*, pp. 20-21.

⁶⁶ VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 28.

Testamento e se instrumentalizou do grego num tom hierático e hebraizante. Além disso, apesar do autor estar familiarizado com as cartas de Paulo, este detém muito mais similaridades com as imagens, termos e temas oriundos do Quarto Evangelho⁶⁷, parecendo emergir do seio de uma escola tradicional de ensino joanino. Vivencia um período em que as comunidades cristãs experimentam tanto um esfriamento em relação ao *kērygma*, quanto em sua conseqüente expectativa da vinda da supremacia divina, por isso, percebe-se como um profeta⁶⁸ pronto para impulsionar a situação através de exortações e encorajamentos.

Por fim, a partir da visão que o autor tem de si próprio, do papel que desempenha, e da percepção que tem em relação à sua audiência (diante da complexidade do contexto que a cerca) de que modo ele desenvolve seus argumentos e intencionalidade? Isto é, que *orientação literária* ele se apropria e emprega para se fazer entender aos seus ouvintes-leitores dentro de um mesmo horizonte cultural de compreensão? Certamente ele se inspira nos movimentos apocalípticos com os quais teve contato, se utiliza da linguagem e recursos destes para revitalizar o fenômeno profético de um contexto eclesial⁶⁹ de profunda crise ou ameaça⁷⁰. O distanciamento entre este horizonte e o atual se constitui em uma das dificuldades que precisa ser tratada e resolvida. Sendo assim, os detalhes destas respostas estão na pauta da investigação do *gênero literário*, e sobre isso vejamos a seguir os principais resultados obtidos.

⁶⁷ Concepções como “preparar lugar” (Ap 12,6; Jo 14,2-3), “guardar os mandamentos” (Ap 14,12), o título messiânico “Logos” (Ap 19,13; Jo 1,1), imagens como “rio da água da vida” (Ap 22,1; Jo 7,38), “Cordeiro” mesmo com vocábulos diferentes (Ap 5,6 ἀρνίον; Jo 1,29 ἀμνός), temas conexos: ter sede, vir beber... (Ap 22,17; Jo 6,35; 7,37), e muito mais.

⁶⁸ Ap 1,2,9; 10,11; 22,10-11.

⁶⁹ SANTOS, P. P. O Apocalipse Cristão e os Rolos de Qumran: Literatura e Movimentos Apocalípticos no Mundo Antigo e suas Relações com Projetos Contemporâneos. In: COMMUNIO – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CULTURA - Céu, Inferno e Purgatório. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004, p. 133-142.

⁷⁰ O contexto do autor parece ser corroborado pelas hipóteses de composição, cujas três teorias colocam a composição do livro dentro do período de perseguições imperiais aos cristãos.

1.4

Gênero literário

Determinar o gênero literário é de especial importância no caso de textos que fazem parte de um mundo cultural diferente do nosso⁷¹. Esse problema pesou sobre a interpretação de textos bíblicos por longo tempo. A função, a intencionalidade e o sentido do texto só poderão ser descobertos em muitos casos ambíguos a partir da justa determinação de seu gênero literário, e da precisa descrição e compreensão desse gênero. No entanto, este esforço visa adentrar no ponto mais interessante e delicado na análise do gênero literário, que é identificar a experiência que o gênero procura expressar e representar, isto é, qual a situação sociocultural e os campos de interação que o gênero se inscreve e intenciona expressar⁷². Na persecução deste objetivo três posições tem se destacado para classificar o gênero literário do Apocalipse: a primeira o designa como um “escrito apocalíptico”, a segunda como uma “profecia” e a última, e nem por isso menos importante, o concebe como uma “combinação de gêneros”.

A posição que defende⁷³ o Apocalipse como um “escrito apocalíptico” tem sua base na própria história do apocalipcismo judaico⁷⁴. De certo modo, os estudiosos⁷⁵ concordam que a *apocalíptica*⁷⁶ surgiu num período da história do povo judeu, entre 220 a.C. e 220 d.C., como uma mudança socioliterária correspondente aos movimentos apocalípticos que por sua vez seriam o resultado de fatores econômicos, sociais, políticos e religiosos, com uma tendência que visava ocupar o lugar do movimento profético até então oficial. As principais

⁷¹ SIMIAN-YOFRE, H. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 101.

⁷² EGGER, *Metodologia do Novo Testamento*, p. 143.

⁷³ Proposta por Philipp Vielheuer, Élian Cuvillier, Josep Oriol Tuñi, Juan Alfaro. Cf. VIELHAUER, P. *Literatura Cristã Primitiva – Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005, p. 514; CUVILLIER, O Apocalipse de João, p. 493; TUÑI, A escola joanina: Evangelho, Carta e Apocalipse, p. 66; ALFARO, *O Apocalipse em perguntas e respostas*, pp. 13-14.

⁷⁴ SCHREINER, J. *Alttestamentlich-jüdische Apokalyphtik*. Munique: Eine Einführung, 1969, p. 15.

⁷⁵ Estudos organizados por Gonzalo Aranda Pérez e Carlos Mesters. Cf. MESTERS, C; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 20; ARANDA PÉREZ, G. *Literatura judaica intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000, p. 240.

⁷⁶ A expressão “*apocalíptica*”, uma palavra artificial tardia, cunhada por F. Lücke (1791-1855) que costuma designar duas coisas: 1) o gênero literário dos apocalipses, isso é, escritos revelacionistas, que manifestam mistérios futuros e transcendentais, e 2) a concepção de mundo da qual procede essa literatura. VIELHAUER, *Literatura Cristã Primitiva*, p. 514; AUNE, D. The basic Features of the Early Christian Prophetic Speech. In: *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: W. B. Eerdmans, 1983, pp. 320-346.

circunstâncias seriam a falta de autonomia nacional, a helenização compulsória da palestina⁷⁷, a inacessibilidade que a voz de um representante espontâneo (profeta) ou oficial (sacerdotes ou governante político) judeu teria junto ao imperador helenista para exigir dele a observância da lei divina ou sua conversão à ela a fim de beneficiar a província judaica, acrescentando ao cenário a experiência das classes pobres sentirem-se oprimidas, sem controle e ameaçadas de desintegração.

Deste modo, o espírito da profecia encontrava, nas classes populares, novas *formas de expressão*, dentro destas a *apocalíptica*, mas sem o rótulo “oficial” de profecia, a qual floresceu, com pretensão de possuir o dom da inspiração e por este modo misturava, de novo, idéias de crenças estranhas com as crenças judaicas, fazendo assim reviver, mais uma vez, o perigo do sincretismo religioso, além do fato de ter-se demonstrado com traços sectários em comunidades ou movimentos incorporados a uma perspectiva apocalíptica como sua ideologia⁷⁸. Importante notar que a apocalíptica tinha a pretensão de ser uma nova forma de profecia, na realidade, valorizava determinadas características advindas do profetismo veterotestamentário e acabou configurando peculiaridades que por fim definiram a natureza do movimento⁷⁹. Com o intuito de superar as crises e os desafios de uma respectiva época a literatura apocalíptica era considerada como literatura “revelatória”, como denota o próprio termo grego Ἀποκάλυψις⁸⁰. Em consonância com este significado, na década de 70 do século passado, ocorreu a formulação do que seria um gênero apocalíptico⁸¹ que se

⁷⁷ FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Ed. Academia Cristã; Paulus, 2006, pp. 478-479.

⁷⁸ MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, pp. 52-64;

⁷⁹ Segundo Luis Alonso-Schökel, Jesús Asurmendi, García Martínez, José M. Sanchez Caro e Juan Alfaro o estilo apocalíptico pode ser encontrado em seções curtas nos Profetas e apesar das objeções, o próprio livro de Daniel, mais tarde, se constituiria no expoente clássico de um apocalipse veterotestamentário. ALONSO-SCHÖKEL, L. *Bíblia e Literatura*. In: GONZÉLES ECHEGARAY. et al. *A Bíblia e seu contexto*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000, pp. 356-357. ALFARO, J. I. *O Apocalipse: em perguntas e respostas*, p. 10.

⁸⁰ Só a partir dos meados ou fins do século II a palavra “*apocalipse*” se tornou nome de gênero literário, quando o Cânon Muratori designou tanto o Apocalipse joanino como o de Pedro com a palavra Ἀποκάλυψις, sem traduzi-la. Cf. BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 268.

⁸¹ Após o exaustivo trabalho dos pesquisadores em torno da complexa questão que envolve o âmbito da apocalíptica no seu amplo contexto, J. J. Collins, entre os anos 75 e 77, coordena uma equipe de trabalho com o objetivo de delinear uma possível definição do gênero apocalíptico presente nos textos bíblicos e extra-bíblicos: “*Apocalypse is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial insofar as it involves another, supernatural world.*” COLLINS, J. J. *The Apocalyptic Vision of the Book Daniel*, HarvSemMonogr, 1977, p. 16;

tornou clássica nos círculos de estudos do apocalipsismo, a qual hoje tem sido abalada por várias críticas para o entendimento do que se refere ao gênero apocalíptico ou, melhor, aos *gêneros apocalípticos*. A razão disto se dá pelo fato de que nem todos os “apocalipses” se enquadram completamente na respectiva definição⁸², nem eles se encontram somente sob uma única forma literária. Daí a dificuldade de definir e delimitar a apocalíptica que, por outro lado, se encontra não somente na literatura judaica intertestamentária como também no Antigo Testamento, como o livro de Daniel, Is 24-27, Zc 9-14, Ez 38-39, etc, e em certas passagens do Novo Testamento, como os então chamados *apocalipses sinóticos* em Mt 24, Mc 13 e Lc 21, os textos “*apocalípticos*” paulinos de 1 Ts 4,13-18 e 2 Ts 1,6-10, etc, e petrino, como 2 Pd 3,10-13, etc. Por esta razão, as características clássicas de “forma escrita, simbologia, estilo dramático, visões, pseudonomia, mediação angélica, etc”⁸³ não são determinantes para um único padrão de tipo textual, preferindo-se hoje não mais se referir a “um” gênero apocalíptico, mas aos *gêneros literários* sintetizados nos textos que estavam dentro de uma corrente teológica denominada apocalíptica. Portanto, o Apocalipse canônico não se constitui em critério para determinar o que possa ser um gênero literário apocalíptico, o critério é antes um conjunto de *gêneros* que se podem encontrar no quadro da apocalíptica. Certos elementos estruturantes de pensamento apocalíptico foram levantados⁸⁴ a fim de situar determinados textos no largo alcance cultural da apocalíptica, perfazendo um total de oito noções orientadoras, as quais são: “*espera impaciente*” pelo fim que se “aproxima”, “*catástrofe cósmica*” que comporta a constatação de um pessimismo histórico que cederá lugar a instauração do mundo novo, “*História e final*” dentro de uma noção que fornece um sentido global da história e situa o leitor como se estivesse vivendo no seu estágio final, “*História terrestre e história celeste*” uma interconexão inseparável entre os fatos e motivos da história e as determinações celestiais numa categoria jurídica, “*salvação dos justos*” num conceito de ressurreição e imortalidade como recompensa pela fidelidade, “*perdição e salvação*” que impõe

COLLINS, J. J. *The morphology of a genre*. Semeia 14: Scholars Press, 1979, p. 9; RUSSEL, D. S. *The method & message of Jewish Apocalyptic*. London: SCM, 1970.

⁸² ARANDA PÉREZ, *Literatura judaica intertestamentária*, p. 240

⁸³ FEE, G. D.; STUART, D. *Entendes o que lêis*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 218; ROLOFF, J. *The revelation of John*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 4.

⁸⁴ AZEVEDO, D. W. O. Escatologia: Fundamentos e perspectivas bíblicas. In: COMMUNIO – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CULTURA - *Céu, Inferno e Purgatório*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004, pp. 39-41; RUSSEL, *Desvelamento divino*, pp. 115-154.

o tempo escatológico final como inauguração pela passagem do estado de perdição para aquele de salvação definitiva, “*mediador da salvação final*” que executa a salvação final com funções reais, e por último, a “*glória*” que é a definição constitutiva do estágio final, a apropriação de fusão total da terra e do céu. Assim, a situação presente passa por uma transformação radical. Essa linha de tratamento demonstra que a literatura apocalíptica é identificável⁸⁵, sem necessariamente deter uma forma literária comum, “uma vez que a apocalíptica utiliza todos os gêneros tradicionais, transformando-os em formas novas, muitas vezes híbridas”⁸⁶. A Formgeschichte⁸⁷ desenvolveu uma abertura conceitual de *gêneros apocalípticos* que possibilita não excluir algum texto de comparação, sendo os seguintes os principais gêneros⁸⁸: *tagma* (sequência de acontecimentos apocalípticos), *visão do trono* (vigência da supremacia divina), *diálogo com o anjo revelador* (a transcendência comunicada por um ser da transcendência), *descrição sem sucessão de fatos* (quadros comparativos), *guerra apocalíptica* (conflito último e crise decisiva), *sequência de reinados em forma alegórica* (transitoriedade das estruturas humanas), *sucessão de eras* (“éons” ou αἰώνων: antiga e a nova – renovação e renascimento), *vaticínios* (noção futurística), *relatos apocalípticos dos mártires* (coragem e heroísmo em prol da justiça), *cenários de julgamentos* (repercussão definitiva das decisões atuais), etc. Por fim, a literatura apocalíptica é considerada uma *literatura de crise*⁸⁹, textos epidícticos⁹⁰ com intenção de demonstrar e por em evidência uma realidade despercebida, a fim de despertar a esperança, o encorajamento e a resistência pacífica⁹¹ na certeza de uma “virada” histórica⁹².

Porém, os recursos com que pudessem fazer que os escritos apocalípticos teriam maior legitimação que poderia suplantar a Torah, levantou uma suspeita

⁸⁵ RUSSEL, *Desvelamento divino*, p. 33.

⁸⁶ COLLINS, *The morphology of a genre*, pp. 1-10;

⁸⁷ VOLKMANN, M; DOBBERAHN, F. E.; CÉSAR, E. E. B. *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992, pp. 79-81.

⁸⁸ Proposta apresentada por Klaus Berger. Cf. BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, pp. 268-276.

⁸⁹ THEOBALD, C. *A Revelação*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 104.

⁹⁰ Segundo Klaus Berger os textos epidícticos “tencionam impressionar o leitor, para fazê-lo sentir admiração ou repulsa; sua sensibilidade para valores é abordada na esfera pré-moral”. O termo vem do grego επιδεικνυμι, que significa “indicar, apontar, etc.”, pelo fato de que tais textos pintam, representam coisas, pessoas e acontecimentos. São descritivos, narrativos, copiam um quadro e criam imagens. BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 21.

⁹¹ MAZZAROLO, *O Apocalipse*, pp. 11-13; PABLO, *Apocalipse*, pp. 15-22.

⁹² RUSSEL, *Desvelamento divino*, pp. 180-181.

desconfortável quanto este tipo de literatura. Por esta razão o cristianismo originário herdou do judaísmo ortodoxo as dificuldades em lidar com este gênero de escrita⁹³, posto a dificuldade que o Apocalipse enfrentou de ser admitido na Igreja e no cânon neotestamentário⁹⁴.

Os proponentes da teoria de que o Apocalipse joanino é uma “profecia”⁹⁵ se apoiam na clara consciência profética que o autor traz de si mesmo e do seu escrito, conforme explicitado, por exemplo, em 1,3; 10,11; 22,18. Dentro desta corrente de pensamento existe uma determinada posição categórica de que o Apocalipse não é de modo algum um *escrito apocalíptico*⁹⁶, e que, aliás, apesar de herdar grande parte dos traços da apocalíptica, determinados traços desta estão ausentes no livro⁹⁷. Nesta perspectiva emerge claramente a idéia de que, para o protagonista do livro, a profecia é uma atividade do Espírito de Deus no homem, pelo qual este fica em condições de receber a Palavra, a revelação divina, e de transmiti-la aos outros. Um conceito de profecia, portanto, que não é substancialmente diverso do que encontramos no Antigo Testamento⁹⁸, sobretudo nos profetas, e que denuncia claramente a intenção que João tem de ligar-se àquela tradição. Do mesmo modo que no Antigo Testamento, para a religião politeísta grega os profetas de um deus são encarregados de transmitir sua palavra: falam “em nome do deus”⁹⁹, conforme a etimologia do termo *προφήτης* permite depreender, portanto, a predição do futuro não é um sinal distintivo da profecia, embora esta possa ou não comportar elementos vaticinadores. Nas tradições bíblicas a principal função da profecia tratava-se em estabelecer um olhar refinado

⁹³ FIORENZA, Juízo e Salvação, p. 411.

⁹⁴ VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 15; SAND, A. A questão do lugar vivencial dos textos apocalípticos do Novo Testamento. In: *Apocalipsismo*. Canoas: Sinodal, 1983, p. 227.

⁹⁵ Posição preconizada por Mauro Odoríssio, Pedro Paulo Santos, Stanley Horton, Simon Kistemaker, Elizabeth Fiorenza, Robert Lockyer, etc. Cf. ODORÍSSIO, M. *Apocalipse: texto e comentário*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002, p. 16; MCGINN, Apocalipse (ou Revelação), p. 565; SANTOS, P. P. A. O Apocalipse de Jesus Cristo. Testemunho e Espírito de Profecia. A tradição e a eclesialidade joanina como fonte e testemunho na busca de traços do cristianismo primitivo? *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 24, p. 39-57. HORTON, *A vitória final*, p. 10; FIORENZA, *Juízo e salvação*, p. 412. KISTEMAKER, *Apocalipse*, pp. 92-93. LOCKYER, *Apocalipse: o drama dos séculos*, p. 19.

⁹⁶ FIORENZA, Juízo e salvação, pp. 412-413.

⁹⁷ Os seguintes pressupostos estariam ausentes no Apocalipse joanino em contraste com a literatura apocalíptica da época: Não é um escrito secreto reservado para os iniciados; não deveria ser selado para ser lido no tempo do fim, sua aplicação é “em breve”; não é uma visão histórica projetada no futuro; não teria pseudonomia. MOLINA, F. C. *El Señor de la Vida*. *Lectura Cristológica del Apocalipsis*. Salamanca: Sigueme, 1991, p. 22-23; FIORENZA, Juízo e salvação, pp. 412-413.

⁹⁸ FERNANDES, *A Bíblia e a sua mensagem*, pp. 164.

⁹⁹ ZAIDMAN, L. B. Os Gregos e seus deuses: práticas e representações religiosas da cidade na época clássica. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 93.

do cenário, encarar a realidade, denunciar os fatos, exortar à conversão, impactar a audiência, transformar a situação, consolidar o presente e com isso construir o futuro.

A teoria que demonstraremos por último quanto ao gênero identifica no Apocalipse uma “combinação de gêneros”¹⁰⁰. Embora os estudiosos modernos possam discutir se o Apocalipse deva ser definido uma profecia ou uma obra apocalíptica, o autor prefigurava claramente que o seu livro fosse acolhido como profecia e ele coloca em destaque este ponto seja ao início seja no fim de sua obra. Do ponto de vista formal, o Apocalipse é uma mistura dos elementos proféticos e apocalípticos¹⁰¹. Na opinião de muitos estudiosos, a apocalíptica está intimamente ligada à profecia. Não só próxima, mas também deriva dela. Deste modo, de um lado, o livro comporta uma síntese de *gêneros apocalípticos*¹⁰², nasceu de um contexto crítico e tem a intenção de falar acerca do fim iminente com o triunfo de Cristo e da comunidade do povo de Deus, e é uma obra de literatura cuidadosamente construída, que emprega linguagem enigmática e rico simbolismo fantástico e de números. Do outro lado, o autor claramente pretende que este Apocalipse seja uma palavra profética na Igreja. Seu livro não devia ser selado para o futuro (22,10). Era uma palavra da parte de Deus para a situação vigente das comunidades cristãs. “Profetizar” implica em proclamar a Palavra de Deus no presente, palavra esta que usualmente tinha como seu conteúdo o julgamento ou a salvação vindouros. No campo litúrgico a proclamação tornava a palavra da divindade uma profecia viva e operante. Outrossim, apesar do gênero futurístico ser secundário na profecia é primordial na apocalíptica. Este é um dos aspectos importantes a serem notados no Apocalipse de João. O Apocalipse está na

¹⁰⁰ Defendida por D. Aune, J. Roloff, G. Fee, D. Stuart, J. B. Leite, I. Mazzarolo, H. Vanni, R. H. Charles, K. Berger, C. Mesters e F. Orofino, etc. Cf. ROLOFF, *The revelation of John*, pp. 5-7; FEE; STUART, *Entendes o que lêis*, p. 218; MAZZAROLO, *O Apocalipse: esoterismo, profecia ou resistência?* pp. 15-17; VANNI, *Apocalipse*, p. 9; CHARLES, *Critical and exegetical Commentary*, p. xxiv; AUNE, E.D. *La profecía nel primo cristianesimo e il mondo Mediterraneo antico*. Roma: Paideia, 1996, p. 511. LEITE, J. Ap 22,12 - “Ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μισθός μου μετ’ ἐμοῦ ἀποδοῦναι ἕκαστῳ τὸ ἔργον ἐστίν.”, p. 27; MESTERS, C; OROFINO, F. *Apocalipse de São João*, pp. 26-27; BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 268.

¹⁰¹ AUNE, *La profecía nel primo cristianesimo e il mondo Mediterraneo antico*, p. 511.

¹⁰² Apesar de Hugo Vanni ver no Apocalipse de São João uma profecia, o mesmo destaca uma das características importantes oriunda da apocalíptica, a pseudonomia. O “João” de Patmos seria alguém que se identifica com a figura de João apóstolo, não apresentando pormenores biográficos, justamente como os protagonistas ideais dos apocalipses apócrifos. VANNI, *Apocalipse*, p. 16. Outra característica importante da apocalíptica é o fato de ser uma literatura de resistência, esta característica está presente no Apocalipse joanino. CUVILLIER. *O Apocalipse de João*, p. 497; MAZZAROLO, *O Apocalipse*, pp. 11-12.

continuidade e na complementação da profecia, e está em linha com um dos principais objetivos do profetismo neotestamentário, o *encorajamento* (1Co 14,3). Em certo sentido, o Apocalipse é profético e pode ser considerado um gênero de profecia mais evoluído¹⁰³.

Entretanto, uma opinião mais refinada dentro desta teoria de “combinação de gêneros” percebe um ponto ligeiramente especial, o aspecto epistolar do livro¹⁰⁴. Este aspecto chama atenção porque demonstra certa continuidade da atividade de redigir um documento para ser lido publicamente. Isso ocorreu com cartas proféticas¹⁰⁵ e com os textos da apocalíptica, sendo que um deles comporta uma carta propriamente dita, como é o caso do Apocalipse de Baruch (ApBar 77-86). Outros apocalipses, apesar de não ter elementos epistolares explícitos, continham indicações de uma leitura para a coletividade, como é o caso do Apocalipse de Elias (ApEl 19-20). A estratégia visava não somente garantir que o escrito pudesse substituir a presença pessoal do profeta, cooperando na disseminação e circulação de sua mensagem, mantendo a proclamação oral pública da palavra da divindade, mas também intencionava uma convergência comunitária, num processo de interação e integração da experiência entre interlocutor-audiência a partir de uma perspectiva de fé e de crescimento conjunto e mútuo, algo que foi compreendido pelo hagiógrafos neotestamentários. Segundo a teoria literária, quando alguém lê, não o faz apenas com intenção de tomar conhecimento de um fato do passado ou para receber uma mera instrução mecânica, antes entra numa relação dialética com o texto sobre o conteúdo num processo de produção de sentido, construção e remodelação da realidade¹⁰⁶.

Este aspecto traz uma importante afinidade com as cartas neotestamentárias, principalmente com algumas cartas paulinas que, porém, comporta para nós um outro campo de interesse que se relaciona estreitamente com o livro do Apocalipse: as cartas são enviadas no intuito de preparar a ida do escritor até à comunidade destinatária. Assim, por analogia, no Apocalipse

¹⁰³ MAZZAROLO, *O Apocalipse: esoterismo, profecia ou resistência?* p. 15, 17; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*. Michigan: Eerdmans, 1999, p. 181.

¹⁰⁴ ROLOFF, *The revelation of John*, p. 5-7.

¹⁰⁵ BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 274.

¹⁰⁶ OLIVEIRA, M. M. de O. et al. *Métodos para ler a Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes; São Leopoldo: Editora Sinodal, 1991, p. 50-52; FERREIRA, J. C. L. *Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação*. Disponível em < HTTP://www.revistatheos.com.br/artigos%20anteriores / Artigo_03_02.pdf>. Acesso em 03 janeiro 2011, p. 3.

joanino, o “autor divino” envia sua carta, por meio de seu escritor-profeta, a fim de preparar os destinatários para a sua vinda¹⁰⁷. Enfim, o livro é uma combinação sem igual, finamente harmonizada, de três conjuntos literários distintos¹⁰⁸: os tipos apocalípticos, a profecia, e a carta. Uma definição que resumiria esta teoria seria a seguinte: O Apocalipse é uma profecia que adota os recursos e roupagens epidíticas da apocalíptica dentro da moldura de um gênero de carta.

1.5

Contexto sócio-histórico

Visto que o gênero literário é um importante recurso para expressar uma determinada situação típica¹⁰⁹, cabe expor quais são as teorias acerca do contexto histórico que fez produzir o texto do Apocalipse. Atualmente, dividem-se em três teorias e que *não são completa e necessariamente opostas*: A primeira teoria é a opinião de uma perseguição cruenta e sistemática. A segunda teoria é a opinião de problemas internos de um contexto religioso sincrético que ameaçava o cristianismo da Ásia Menor. E a terceira e última opinião, é de que as comunidades cristãs estavam vivenciando uma situação de conformação à sociedade corrompida e experimentando o esfriamento do *kērygma*.

A primeira opinião¹¹⁰ apóia-se na historiografia tradicional que reconstitui o *Sitz im Leben* do Apocalipse de João insistindo na situação de perseguição estrutural deflagrada, por parte do império romano e da sinagoga judaica, que estavam atravessando os destinatários da obra. O texto é interpretado como uma mensagem de encorajamento, resistência e esperança dirigida a uma comunidade sujeita a um sistema totalitário e opressor cuja manifestação mais visível é a do

¹⁰⁷ BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 274.

¹⁰⁸ OSBORNE, G. R. *Revelation*. Michigan: Baker Academic, 2002, p. 12; FEE; STUART, *Entendes o que lês?* p. 218.

¹⁰⁹ SMITMANS, A. Los métodos exegéticos em um ejemplo del Nuevo Testamento. In: SCHREINER, J. (Org.). *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*. (trad. esp. de *Einführung in den Methoden der biblischen Exegese*, Würzburg, Echter, 1971). Barcelona: Herder, 1974, pp. 195-252.

¹¹⁰ Defendida pela maioria dos autores. MAZZAROLO, *O Apocalipse*, pp. 12-13; TUÑÍ, *A escola joanino: Evangelho, Cartas e Apocalipse*, p. 66; MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, pp. 46-48. CORSINI, *O Apocalipse de São João*, p. 21; ROLOFF, *Revelation*, pp. 8-9; LOCKYER, *Apocalipse*, p. 8; KISTEMAKER, *Apocalipse*, pp. 44-47; etc.

culto imperial (denunciado como idolatria pelo visionário) e por investidas judaicas contra os seguidores do Nazareno.

A segunda teoria¹¹¹ percebe nas indicações das sete cartas o teor predominante de uma problemática no ambiente religioso: um movimento sincrético (chamado “*nicolaíta*”, “*seguidores da doutrina de Balaão*” e filhos de “*Jezabel*”) que reivindicava uma *acomodação com o mundo pagão circundante*, procurando desvirtuar as comunidades cristãs da Ásia Menor. Embora estivessem ocorrendo fatores externos de pressão político-religiosa, para esta segunda teoria foi este fator interno o responsável pelo surgimento da obra.

A terceira opinião¹¹² tem por base as pesquisas recentes que retocam essa reconstituição do *Sitz im Leben*, sem invalidá-la totalmente. O parecer tradicional leva, de fato, a revitalizar a idéia de uma perseguição ativa de que seriam vítimas os destinatários do Apocalipse. Contudo, estudos recentes refutaram essa premissa. O vidente de Patmos não cessa de censurar os seus ouvintes sobre uma “instalação” na sociedade da época. Ao convidar seus ouvintes a olhar de maneira muito crítica tanto a sociedade romana, o poder imperial, quanto a helenização do cristianismo e sua institucionalização¹¹³, o autor toma em sentido contrário a própria vida das comunidades, tal como as “cartas às Igrejas” permitem reconstituir. Segundo as pesquisas¹¹⁴ sobre o império romano nenhuma perseguição sistemática contra os cristãos é historicamente atestada sob o reinado de Domiciano¹¹⁵. O culto imperial se apóia numa certa piedade popular cuja

¹¹¹ Fiorenza, Mackay, Bedriñán, cf. LEITE, J. Ap 22,12 - “ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ, καὶ ὁ μιστός μου μετ’ ἐμοῦ ἀποδοῦναι ἕκαστῳ τὸ ἔργον ἐστίν.”, p. 30; BEDRIÑÁN, C. Ser diferente em meio a uma cultura dominante: Quem foram os “Nicolaítas”, Balaão e Jezabel, segundo o Ap 2-3? *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 26, pp. 235-258, mai-ago. 2007.

¹¹² Propugnada por P. Prigent, J. Alfaro, A. Valdez, É. Cuvillier, Thompson, Aune, Howard-Brook e Gwyther. PRIGENT, *Apocalipse*, p. 443; ALFARO, *O Apocalipse*, pp. 15 e 27; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 44; CUVILLIER. *O Apocalipse de João*, pp. 503-506;

¹¹³ RICHARD, P. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. Petrópolis: 1999, p. 19.

¹¹⁴ HOWARD-BROOK, W.; GWYTHER, A. *Desmascarando o imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola; Paulus, 2003, pp. 153-154; LE GLAY, M.; VOISIN, J.; LE BOHEC, Y. *Histoire romaine*. Paris: PUF, 1991, pp. 272-280.

¹¹⁵ Herbert Lockyer propõe um catálogo de dez imperadores que sancionaram ações de perseguição aos cristãos: Nero (64-68 d.C.); Domiciano (90-95 d.C.); Trajano (104-117 d.C.); Aurélio (161-180 d.C.); Severo (200-211 d.C.); Máximo (235-237 d.C.); Décio (250-253 d.C.); Valério (257-260 d.C.); Aureliano (270-275 d.C.); Diocleciano (303-312 d.C.); Para Thompson, contudo, a lista não está completa, visto que ocorreram perseguições de alcance limitado no governo de Adriano (117-138 d.C.) e nos demais sanções de caráter circunstancial. Mas, foi somente no reinado do imperador Décio, em 250 d.C., que se deu a primeira perseguição sistemática contra os cristãos, nos governos anteriores os outros tipos de sanções eram de caráter extra-oficial. LOCKYER, *Apocalipse*, p. 55; AUNE, *Revelation 1-5*, p. lxx; THOMPSON, L. A

importância religiosa não se deve superestimar, mas que não descarta, de total modo, possíveis retaliações aos resistentes e insubmissos, visto que o culto ao imperador antes de tudo era principalmente um fator de estabilidade social e política, à qual as comunidades cristãs deveriam aderir. Numa situação caracterizada pela precariedade, elas sofriam provavelmente pressões tanto sócio-econômicas como políticas, e estavam divididas entre a preocupação com a fidelidade ao *kērygma* que poderia levar ao martírio e o desejo de adaptação que conseqüentemente levaria ao esfriamento da vida cristã. Se realmente foi praticada uma rejeição do império por elas, incluiria uma rejeição indiscriminada da sociedade imperial. As comunidades cristãs estavam cōscias de que tal resistência indiscriminada ao império os deixaria sujeitos às sanções de vários tipos, desde violência, injustiça, desapropriação e até o martírio. O conhecimento que as comunidades tinham da prática imperial alertava que qualquer resistência traria “ferendo à superfície” o antagonismo latente entre o Império de César e o reinado de Deus¹¹⁶. Conclui-se deste modo, que o livro é uma tentativa de responder às pressões que sofrem as comunidades cristãs e, ao mesmo tempo, ao desejo que elas têm de se conformar às práticas sociais imorais e ilícitas das províncias romanas da Ásia Menor e ao sentimento de acomodação conivente ao império, sentimento este fortalecido através de correntes doutrinárias proféticas infiltradas em seu seio comunitário.

Élian Cuvillier levanta a hipótese de que talvez não seja a sociedade romana ou a judaica que estejam, em primeiro lugar, em conflito com a Igreja nascente, mas seja o produtor do texto que está em conflito com Roma e convida seu grupo de escuta a serem do mesmo modo¹¹⁷. Seria nesta profunda experiência existencial que se teria dado a “revelação” de sua visão refinada do cenário potencialmente ameaçador. A situação de crise denota o uso de uma das características dos gêneros apocalípticos e seus acenos éticos quanto ao comportamento e decisão existencial de que as comunidades devem assumir demonstra uma nítida preocupação profética. Uma dupla convicção motiva o produtor do texto: no plano externo, um olhar crítico sobre os poderes humanos e estruturais da sociedade e os padrões sócio-político-culturais; no plano interno, o

sociological analysis of tribulation in the Apocalypse of John. Oxford: Semeia 36, 1986, pp. 153-162.

¹¹⁶ HOWARD-BROOK; GWYTHYR. *Desmascarando o imperialismo*, p. 154.

¹¹⁷ CUVILLIER, *O Apocalipse de João*, p. 506.

questionamento da comunidade cristã, quando ela “se instala” no mundo, quando abandona a imperiosa necessidade de vivenciar e proclamar o advento do tempo novo inaugurado, conforme tematizado pela *parousia*, no próprio âmago do antigo estado de coisas, mediante o cristocentrismo do acontecimento pascal.

1.6

Leitura interpretativa

Por fim, chegamos ao último aspecto sobre o estado da questão do Apocalipse, aquele que diz respeito às leituras interpretativas concedidas ao livro. Esta posição última não aconteceu por mero acaso, pensamos ser mais produtivo em primeiro lugar o leitor apreender os demais aspectos, e as dificuldades inerentes, a fim de que o mesmo pudesse se nutrir de informações globais para obter um melhor horizonte de compreensão acerca das várias abordagens interpretativas do livro.

Para este fim, visando uma simplificação, este tópico foi dividido em duas partes: a primeira, relacionada à leitura interpretativa do livro como um todo, enquanto que a segunda, refere-se ao estado atual específico em torno da passagem de Ap 1,7, texto de nosso interesse e sobre o qual debruça-se este estudo exegetico.

1.6.1

Leitura interpretativa do Apocalipse como um todo

Os primeiros comentários interpretativos do Apocalipse surgiram a partir do séc. II d.C. Entre eles podemos citar os de Melitão de Sardes, Justino Mártir, Irineu, Hipólito e Metódio de Olimpo. O mais antigo comentário completo sobre o Apocalipse é o escrito por Vitorino de Pettau (300 d.C.)¹¹⁸. No séc. IV, Ticônio e Agostinho estabeleceram os parâmetros espirituais da interpretação do Apocalipse, os quais prevaleceram por 700 anos. Em 1100, Rupert de Deutz fez

¹¹⁸ PANI, G. L'anticristo nel commento all'apocalisse di Vittorino di Petovio. In: COLACRAI, E. B. A. *Apokalypsis: percorsi nell'Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella Editrice, 1993, p. 677.

um paralelo entre acontecimentos históricos e apocalípticos. Nesta época, Joaquim de Fiore¹¹⁹, abade calabrés, dizendo-se inspirado por Deus, mostra que o Apocalipse prevê a história da Igreja, e, em linhas gerais, permite antever os acontecimentos futuros, sob a ótica de uma compreensão espiritual do Antigo e do Novo Testamento. No séc. XIV, temos o franciscano Nicolau de Lyra, que apresenta um comentário trazendo nova maneira de ver o Apocalipse, isto é, de forma linear e histórica. Entre os sécs. XVI e XVII surgiram intérpretes jesuítas, como Francisco Ribeira e Ludovico ab Alcázar, que defendiam o entendimento do Apocalipse conforme o contexto da época em que foi escrito. Esta maneira de interpretar influenciou eruditos protestantes do séc. XVII, como Hugo Grotius¹²⁰. No séc. XVIII, o Iluminismo veio ajudar a acabar com a interpretação histórica do Apocalipse, culminando, no fim do século, com os comentários de Johann Salomo Semler, que negou a autoria apostólica do livro, e formulou a necessidade de compreendê-lo conforme o ambiente judaico da época. O desenvolvimento hermenêutico vindo desde o séc. XVIII provocou estudos filológicos, históricos e literários, criando-se métodos “histórico-críticos”¹²¹. A partir de então muitos especialistas em estudos bíblicos passaram a propor interpretações baseadas no método-crítico, enquanto que os teólogos e críticos literários preferiram interpretações mais existenciais ou imanentes, que dependem de diversas teorias hermenêuticas. Atualmente milhões de cristãos fundamentalistas lêem o Apocalipse de um modo sumamente literal, como um plano detalhado da crise vindoura, ao passo que os teólogos da libertação e outros procuram ali uma mensagem política, mesmo que menos literalmente profética.

A diversidade de interpretações modernas¹²² comprova que a obsessão persiste e que ainda não há um modo consensual de tratar o assunto, dentre as quais surgem uma lista quase que interminável do modo de interpretar o livro: presentista, preterista, futurista, histórica, espiritual, litúrgica, mitológica, gnóstica, histórico-crítica, literal, etc. Na realidade, pode existir uma combinação de dois ou mais destes modos configurando uma determinada opção de tipo de

¹¹⁹ FORD, J. M. L'anticristo e la nuova gerusalemme negli scritti di Gioacchino da Fiore. In: COLACRAI, E. B. A. *Apokalypsis: percorsi nell'Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella Editrice, 1993, p. 740.

¹²⁰ MCGINN, Apocalipse (ou Revelação), pp. 573-580.

¹²¹ HOWARD-BROOK; GWYTHYR, *Desmascarando o imperialismo*, pp. 67-68.

¹²² VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 26.

leitura. A partir disto destacamos aqui as principais perspectivas de leitura que precisamos considerar: a linear, a de teologia da história e a de recapitulação.

A leitura linear¹²³ encontrada entre muitos exegetas cristãos clássicos e fundamentalistas modernos, insiste em que a estrutura e a mensagem do livro são basicamente lineares e escatológico-futurista, isto é, que as imagens revelam cada evento do curso da história ou, ao menos, os eventos iminentes do final dos tempos.

Um segundo enfoque, a leitura de teologia da história¹²⁴, mais raro, vê o Apocalipse como um tratado teológico cuidadosamente elaborado, que contém uma mensagem moral e uma complexa teologia da história.

Por fim, muitos especialistas modernos, entretanto, consideram a leitura de recapitulação¹²⁵, vendo no Apocalipse de João uma apresentação cíclica de visões que recapitulam a mesma mensagem básica de conflito presente, destruição iminente do antagonismo estruturado, o triunfo da justiça e recompensa dos justos. O elemento básico nessa estrutura de recapitulação é o padrão do septenário que compreende um movimento progressivo no desígnio do livro até seu clímax que é o domínio absoluto de Deus inaugurado pela *vinda* do Cristo ressurreto e glorificado. Nesta linha de pensamento, o movimento cíclico de leitura permite perceber as várias nuances e complementos que determinadas realidades recebem quando são “recontadas” ou “reapresentadas” sob novos ângulos e conjuntos simbólicos, mas não como mera repetição. Quando os importantes temas são revisitados, novas informações são acrescidas, com imagens e cenários novos, procurando dar suporte à interpretação do livro, garantindo sua versatilidade, progressão e capacidade de se fazer entender sem se prender num único modo de ler e compreender a realidade retratada.

¹²³ Utilizada por C. Ryrie, S. Horton, H. Lockyer, etc. Cf. RYRIE, *Revelation*, p. 9; LOCKYER, *Apocalipse: o drama dos séculos*, p. 9; HORTON, *A vitória final*, p. 30.

¹²⁴ Defendida por J. Ellul, E. Corsini, H. Vanni, etc. Cf. ELLUL, *Apocalipse*, pp. 3-7; CORSINI, *O Apocalipse de São João*, pp. 7-10; VANNI, *Apocalipse*, pp. 3-8.

¹²⁵ Proposta por S. Kistemaker, C. Mesters, F. Orofino, P. Prigent, R. H. Charles. Cf. KISTEMAKER, *Apocalipse*, pp. 96-97; MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, pp. 81-87; PRIGENT, *O Apocalipse*, pp. 439-441; CHARLES, *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*, pp. clxxxiii-clxxxvii.

1.6.2

Leitura interpretativa de Ap 1,7

Tendo considerado as leituras interpretativas que o Apocalipse tem recebido ao longo das pesquisas, agora, convém ressaltarmos as principais abordagens concedidas especificamente ao texto de Ap 1,7. Embora os comentários, em voz unânime, considerem a respectiva passagem como uma “profecia”, as teorias se divergem em duas linhas principais quanto ao conceito de *profecia*. Deste modo, a interpretação desta passagem encontra-se intrinsecamente relacionada ao conceito que cada linha adota. A primeira teoria propõe uma leitura dentro de uma abordagem futurista, predominantemente escatológica. Já a segunda proposta ressalta o valor profético em seu caráter exortativo e vigor cristológico, mais que apenas uma previsão de um fato meramente futurístico.

Os proponentes da primeira teoria¹²⁶, realizam uma leitura dos elementos de Ap 1,7 em termos de acontecimentos futuros e literais. Cristo descera em nuvens e descerrará o juízo. A “lamentação” pronunciada nesta passagem diria respeito ao horror do juízo e do medo que se abaterá sobre todos os povos, cujo juízo ocorre numa leitura linear do tempo. Apesar desta proposta reconhecer a procedência de Ap 1,7 a partir de dois textos do Antigo Testamento, tal abordagem tem dificuldade de estabelecer uma relação técnico-exegética e semântico-literária entre o texto e suas respectivas fontes. Um olhar detalhado releva que a “lamentação” de Ap 1,7 não diz respeito ao terror de um juízo, por mais que seja tentador querer acreditar assim devido a idéia cataclísmica da escatologia tradicional. A respectiva fonte que se encontra no texto de Zacarias não corrobora essa idéia e nem mesmo o termo grego κόπτω empregado. A “lamentação” em Zacarias é um cerimonial solene dirigido ao herói, mortalmente traspasado e, além disso, a pesquisa histórico-cultural demonstra que κόπτω é uma expressão grega referente à prestação de uma profunda devoção cerimonial por alguém que sofreu *memorável morte*, no texto do Apocalipse, está claramente direcionado para aquele que “vem” de acordo com a força sintática da oração no uso da declinação grega no caso acusativo. Uma outra dificuldade nesta corrente

¹²⁶ Como proponentes desta abordagem se encontram: Ryrie, Kistemaker, Valdez, Horton, Prigent, etc. cf. RYRIE, *Revelation*, p. 15; KISTEMAKER, *Apocalypse*, p. 119-121; VALDEZ, *O livro do Apocalipse*, p. 42-43; HORTON, *A vitória final*, p. 22-23; PRIGENT, *O Apocalipse*, p. 25.

de interpretação é a menção às “nuvens” num aspecto sumamente natural atmosférico, ignorando a história de significado e grandeza de sentido que tal elemento comporta nas tradições bíblicas, principalmente em uma de suas fontes, o livro de Daniel em sua intertextualidade com o evento fundante do Êxodo. A aplicabilidade do termo no Apocalipse levou em consideração o profundo significado que tal elemento comportava nas tradições do produtor do texto, e no projeto comunicativo em que o texto estava inserido. Um intérprete atento não pode negligenciar tais implicações no contexto de um livro que, por excelência, primou pela riqueza da linguagem simbólica. Isto explica, de certo modo, a razão dos comentários desta primeira teoria não trazerem muitas explicações sobre o texto, apenas apontam como um evento futuro e não tecem uma intertextualidade rigorosa com as respectivas fontes do texto. Uma leitura “*ao pé da letra*” empobrece o significado do texto, detém o leitor apenas na superfície e desconecta abruptamente o texto de sua respectiva história de criação de sentido como também da profunda realidade e experiência que o mesmo intenciona espelhar. Este tipo de leitura encontra grande recepção geralmente em abordagens de cunho fundamentalista e, no caso em questão, propõe como resultado apenas um retrato futuro de um regresso de Cristo a este mundo.

A segunda proposta¹²⁷ também lida com a respectiva passagem como uma “profecia”, como já dito, mas com outra conotação, a qual se coaduna melhor com o sentido do que é uma profecia bíblica. Deste modo, esta passagem é um oráculo que evoca símbolos e elementos relacionados às profundas experiências do passado em vigor exortativo com atenção a uma “vinda” em curso, em andamento e progressiva daquele que vem “com as nuvens”. O tema do respectivo oráculo é retomado insistentemente no interior da obra, por meio do procedimento de recapitulação. A força do significado visa impulsionar a comunidade frente em sua história. A vinda de Cristo, nesta abordagem, seria mais que apenas um regresso ou retorno físico a este mundo. Ao invés de uma “volta” de Cristo, em termos de regresso, ou apenas um retorno, a idéia central seria o contrário, o advento de Cristo no Apocalipse tratar-se-ia de uma “progressão” que atinge uma

¹²⁷ Os defensores desta abordagem são: Sweet, Corsini, Beale, Osborne, etc. cf.: SWEET, *Revelation*, pp. 63-64; CORSINI, *O Apocalipse de São João*, p. 23; BEALE, *The book of Revelation*, pp. 197-199; OSBORNE, *Revelation*, pp. 68-76.

manifestação definitiva, uma “chegada”, algo que se apresenta em escopo definitivo e universal. Contudo, tal “progressão” compromete a comunidade.

Esta segunda proposta, contudo, apesar de valorizar o significado altamente simbólico-cultural dos elementos apresentados em Ap 1,7, ainda não explorou de modo satisfatório a riqueza do respectivo texto. Há necessidade de caminharmos mais nos esclarecimentos em torno da grandeza de sentido relacionada à alusão do arquétipo de “*um semelhante filho de homem*”, nesta passagem que se encontra na porta de entrada do Apocalipse, o que uma abordagem cristológica pode proporcionar: a identificação da comunidade com o processo histórico do seu Cristo, como também o significado transcendente das nuvens com o aspecto histórico martirial, mensagem tão necessária em época de crise e de potenciais perseguições, como também uma melhor compreensão a respeito do κόπτω, ato de profunda devoção, explicitada como reconhecimento pela célebre e redentora *morte digna* evocada no livro. Deste modo, a respectiva passagem celebra a conclusão da “vinda” de Cristo em termos de “progressão”, a qual penetrou neste mundo através da encarnação e que, pela experiência trans-histórica da ressurreição, tudo atingirá, amalgamando todo o universo em “novos céus e nova terra” como consumação da vida nova ressuscitada, conforme apresentado nos últimos capítulos do livro (Ap 21 e 22). Assim, a “vinda” mencionada no início em Ap 1,7 destina-se a glorificação de todo o cosmos no final da obra, não numa leitura linear, pois o tema é retomado, de modo cíclico (pulsante), em recapitulações até que o clímax definitivo seja alcançado. A “chegada” transcendente da vida nova em todas as coisas é o ápice da vinda encarnada do Cristo, que penetrou de uma vez por todas na história a fim de levá-la ao seu termo definitivo de supremacia divina (cf. Ap 12,5). Isto justifica (como veremos mais tarde) a razão do autor usar a forma verbal “*vem*” no aspecto grego *inflectum*, no tempo presente do modo indicativo, isto é, num movimento em curso, em andamento e inacabado, mas que no Ap está em vias de se concluir (Ap 10,7 e 11,15), o que estabelece a esperança da comunidade. Esta “vinda” é uma progressão que compromete a própria progressão da comunidade nos mesmos passos e caminho martirial de Seu Mestre. Nesta leitura, de natureza pragmática, a questão da comunidade não seria, portanto, evitar o sofrimento, mas saber passar dignamente por ele e, assim, atingir sua maturidade como um todo dentro da história salvífica a partir da experiência totalizadora de Jesus.

1.7

Sumário final

Enquanto a respeito da estrutura formal e da história de composição do Apocalipse sucedem-se as mais variadas tentativas de interpretação, a respeito das intenções e do seu escopo observa-se uma grande concordância: o autor – que, segundo a opinião quase geral, escreve pelos fins do governo de Domiciano. Conseqüentemente, presume-se que aqueles cristãos não estão preocupados com o significado do tempo e da história, mas na superação das crises e desafios da comunidade por meio de uma resposta claramente cristã, isto é, na pessoa do Nazareno. Nesta perspectiva, a obra é caracterizada por uma composição rígida e, apesar de lidar com formas diversas, por uma grandiosa organicidade.

O nosso autor não está interessado na interpretação da história pela história, mas no conhecimento profético do presente em sua respectiva releitura veterotestamentária. Seu despontamento profético corrobora uma *vinda* iminente, tematizada por imagens e, como se percebe nas bem-aventuranças, cujo macarismo septenário perpassa toda a obra. Por isso, no modo como se expressa, é dado ao Apocalipse a forma de uma carta circular às comunidades da Ásia, as quais, em número de sete, representam todas as comunidades cristãs. Esta forma epistolar nos chama atenção, pelo vínculo criado com a passagem de Ap 1,7, cuja unidade literária é um elemento importante da moldura epistolar, além do fato de que as exortações no interior do livro são motivadas pelo verbo principal da respectiva perícopes, um verbo referente à *vinda*. A forma epistolar indica simultaneamente que a perspectiva apocalíptica tem a comunidade como seu ponto de referência, e se de fato na época do Novo Testamento um autor enviava uma carta para preparar sua *vinda* até aos seus destinatários¹²⁸, uma proposta pode ser assumida aqui, evidenciando a elevada importância da passagem de Ap 1,7 dentro da estilização que emoldurou o livro como um todo.

O estado da questão demonstra, claramente, que um modelo básico prevalece nos vários tópicos abordados, o método de recapitulação, como é percebida na estrutura do livro e explicada de diferentes modos pelas teorias de sua história de composição, e explicado na leitura interpretativa, o qual

¹²⁸ BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 274.

consideramos mais convincente. Sendo assim, a introdução litúrgica retoma os temas do interior da obra, dentro de um fio condutor, ligando-se diretamente aos temas do desígnio de Deus e a vinda de Seu domínio absoluto sobre a história através do fundamento de todo o Novo Testamento, Jesus Cristo, aquele que é propriamente dito a “Revelação” de Deus, cuja “vinda” está pulsando dentro da história, a fim de “ecloDIR” de dentro da história e assim levá-la ao seu termo definitivo na mesma experiência transcendente do Cristo glorificado.